

O Amor pelas Línguas e Civilização Clássicas

*Carlos Alberto Borges Simão**

RESSURGIREMOS

*Ressurgiremos ainda sob os muros de Cnossos
E em Delfos centro do mundo
Ressurgiremos ainda na dura luz de Creta*

*Ressurgiremos ali onde as palavras
São o nome das coisas
E onde são claros e vivos os contornos
Na aguda luz de Creta*

*Ressurgiremos ali onde pedra estrela e tempo
São o reino do homem
Ressurgiremos para olhar para a terra de frente
Na luz limpa de Creta*

*Pois convém tornar claro o coração do homem
E erguer a negra exactidão da Cruz
Na luz branca de Creta.*

Quisera que esta comunicação fosse um alerta e uma tomada de consciência para um dos modos de tornar as línguas clássicas apetecidas pelas jovens gerações.

Parece-me que o muro, velho de séculos, de um ensino esqueleticamente ressequido, já tombou definitivamente. Mas como sempre sucede com a queda de qualquer muro construído durante séculos, ocultando a pulcritude dum jardim luxuriante, o equilíbrio no gozo e admiração de tal jardim, ainda não se conseguiu. Que o digam os ilustríssimos colegas do Ensino superior ao receberem os alunos que lhes enviamos do Ensino Secundário.

Cuido não ser por carências científicas ou didácticas que os nossos alunos, genericamente falando, chegam mal preparados às Faculdades.

É que ainda não conseguimos impregnar as jovens mentes da beleza e grandiosidade duma língua e civilização de que somos os frutos mais visíveis.

Por isso escolhi, como introdução, o poema de Sophia de Mello Breyner Andresen: "Ressurgiremos". Sim, ressurgiremos, se para tanto a ciência for acompanhada de "engenho e arte".

* Professor da Escola Secundária Maria Lamas

O mundo actual perdeu o norte, ou melhor, as suas raízes e, a árvore da cultura ocidental, frondosa em técnicas e progressos, deixou de haurir do húmus rico e prolífico de Grécia e Roma, a seiva da verdadeira "Humanitas".

Extasiamos-nos em demasia com as nossas conquistas, perdemos-nos na avalanche das novidades e esquecemos-nos das máximas colocadas sobre o frontão do pronaos do templo de Apolo: "Γνώθι σαθτόν – Ε – Μηδέν ἄγαν"

É precisamente aqui que deve começar a acção do professor de Línguas Clássicas: entusiasmar os seus jovens discípulos com aquilo que constituiu a grandeza da Grécia e Roma e que, embora encoberto, tem permanecido na civilização ocidental.

Ver as Línguas clássicas unicamente através de textos literários, cuido que é truncá-las e, o que é pior, torná-las objecto de uma emoção estética, privilégio de uns poucos. Infelizmente, tanto quanto eu sei, poucos textos não literários latinos ou gregos nos restam. Desses textos raramente somos informados. Não seria altura de os conhecermos? Do mesmo modo, os textos latinos dos séculos V e VI, são-nos praticamente desconhecidos. Sabemos que não ficou só o Latim dos homens da Igreja. E os autores ainda pagãos?

Todas estas considerações vêm a propósito do objectivo: entusiasmar os nossos alunos pelas Línguas e cultura clássicas. Não é verdade que só o que se conhece ou admira se ama?

E não tenhamos dúvidas que se os nossos jovens reconhecerem a importância capital da cultura clássica para nos compreendermos a nós próprios europeus, eles se interessarão vivamente pelas línguas que veiculam essa mesma cultura.

Quanto à escola onde lecciono, o facto de termos, agora, 5 turmas de Latim: 2 no 10º ano, 2 no IIº e 1 no 12º, assim como 3 turmas de Grego: 1 no 10º ano, 2 no 11º e 1 no 12º, se deve mais ao entusiasmo dos jovens professores que vieram de Coimbra que ao entusiasmo dos alunos pelo Latim e Grego. Nas conversas que, diariamente, mantemos uns com os outros, os 8 professores de Latim e Grego estão de acordo: é preciso tornar aliciante o estudo do Latim e Grego. Como? É precisamente isto que eu procuro ajudar a esclarecer.

Não podemos, hoje, fazer tábua rasa de quase dois mil anos de Cristianismo, mas podemos descobrir através da ganga que foi deslustrando, durante séculos, os ideais clássicos, as pepitas de ouro que farão brilhar de cobiça os olhos dos nossos alunos.

Quando da leitura, análise e tradução dos textos dos programas, procuro explorar, além dos pontos gramaticais, a ideologia subjacente, é visível a mudança de atitude dos meus discentes. E é nesse campo que as perguntas surgem espontaneamente, mesmo da parte daqueles alunos que, normalmente, pouco intervêm.

Passo a citar exemplos concretos para que o meu pensamento possa tornar-se mais claro.

Ao explorar o texto "A velhice de Ápio Cláudio", os meus alunos estabeleceram um diálogo frutuoso sobre a velhice, a propósito da frase final: "Ita enim senectus honesta est, si ius suum retinet, si usque ad ultimum spiritum dominatur in suos."

E, quando eu pensava que os jovens de hoje desprezavam a velhice, verifiquei todo o seu interesse e admiração pelo modo como alguns autores clássicos e mesmo as instituições políticas a encaravam. Podíamos, nesta altura, citar, traduzindo textos de Cícero ou de qualquer autor sobre o assunto, que o interesse dos alunos seria entusiasmante.

Do mesmo modo, ao dar-lhes o "Prologus" da *Aulularia* de Plauto, as perguntas socederam-se, quando explicava o verso: "Ego lar familiaris ex hac familia/unde exeuntem me aspexistis."

Muitos falaram do Anjo-da-guarda ou dos santos protectores, etc. Aproveitei para lhes chamar a atenção para a tentativa de cristianização de certas vivências pagãs. Alguns afirmaram, nua e cruamente, que, afinal, nada mudou. O essencial permanece, sob outras roupagens.

Não sei se já se deram conta, mas hoje, a influência do Cristianismo é cada vez menor, mesmo a nível de província. Daí que, perdendo os nossos jovens muitas daquelas certezas que lhes davam segurança, não sabem mais a que se agarrar.

Fazendo-lhes ver todas as correntes subterrâneas que continuam correndo desde a antiguidade clássica, eles compreenderão melhor o homem de hoje e tomarão um rumo mais consciente, na selva que é o mundo moderno.

Um outro texto, cuja exploração provocou diálogo e perguntas abertas, foi uma das cartas de Cícero a sua mulher. A primeira frase: "In maximis meis doloribus excruciat me ualetudo Tulliae nostrae."

Neste momento, a reflexão principal foi a de que o homem, hoje, ou no Século I A.C., continua a ser o mesmo. A preocupação profunda de Cícero pela filha, enterneceu os alunos. Daqui parti para a exploração da ideia de que a nossa civilização está extremamente adiantada quanto à técnica, mas o homem, naquilo que o constitui como homem, está mais atrasado ou pouco avançou.

Estes e outros exemplos demonstram que, ao tornar a aula de Latim ou Grego fonte de confronto entre o que somos e por que o somos e o espírito clássico cheio de revelações, estamos a fazer mais pelas Línguas e cultura clássicas que todas as análises gramaticais frias e impessoais. E aqui faria um pequeno parêntesis para que previnamos os nossos alunos contra alguns filmes americanos que lhes dão de Roma e da Grécia uma ideia distorcida, mostrando só aquilo que de pior tiveram esses povos.

É evidente que eu suponho a técnica de tradução já dominada a nível do 12º ano, o que nem sempre sucede, e que torna mais difícil a primeira tarefa enunciada.

Mas sabemos também que traduzir sem grande dificuldade, supõe um contacto aturado e diuturno com os textos. Eu acrescentaria com todos os textos e não exclusivamente literários.

Para isso precisaríamos, nós os professores do Ensino Secundário, de duas coisas: bons dicionários e boas selectas. Dos dicionários só o de Latim/Português de Francisco Torrinha nos merece confiança, mas não há novas edições. Os nossos alunos só têm à disposição o dicionário de latim da Porto Editora e o de Grego do Padre Isidro Pereira que são, de facto, muito deficientes. Quanto às selectas, não há nenhuma que satisfaça as exigências das novas didácticas. Acho que seria altura de os professores de Latim e Grego desta ilustre Academia se debruçarem sobre o assunto. Aqui fica o pedido.

Depois deste excuro, um pouco fora do objectivo que me propus, volto ao mesmo assunto: levar os nossos alunos a entusiasmarem-se pelas Línguas e cultura clássicas.

A nossa civilização ocidental, dita cristã, está marcada pelo paganismo da Grécia e Roma, tantas vezes enroupado com vestuário estranho. Quantos anacronismos resistem à cavalgada dos séculos e quantas miragens deslumbram a nossa juventude! E lembro aqui, só como exemplo pitoresco desses anacronismos, o seguinte: numa ermida colocada a 1.100 metros de altitude na serra de Montemuro, no altar-mor da capela está a imagem de Santa Helena a quem é dedicada a capela. A imagem da santa está de mão dada com o seu pequeno filho Constantino. Na base da imagem, que é do século XVII, está a seguinte inscrição: "Santa Helena e S. Constantino". E as célebres iniciais S.P.Q.R. que em letras de ouro brilham em fundo vermelho no enorme guião que vai à frente das procissões nortenhas? *Senatus populusque romanus!* Ainda é o Senado e o povo Romano quem comanda as procissões cristãs!

Os Gregos e os Romanos têm algo a dizer aos nossos jovens. E não é a tristeza contida nos versos de Ricardo Reis:

"Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento—
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência."

que eles precisam de contemplar, mas a ideia de equilíbrio e de conquista de si próprio que os clássicos tentaram. Os seus heróis e até os seus deuses eram humanos. A ideologia Judaico-Cristã, embora se aproveitasse da cultura greco-latina, vinha imbuída de alguns conceitos estranhos a essa mesma cultura.

No livro *Juliano* de Gore Vidal, achei curiosas as palavras que o filósofo grego Libânio em 380 p.c. escreve ao seu amigo Prisco, também ele filósofo: "É costume os imperadores que dão ouvidos aos bispos proferirem insultos à própria civilização que os criou. São incoerentes, mas afinal a lógica nunca foi um dos pontos fortes da fé cristã... Mas confusões destas são tão sem consequências

para a mente cristã como nuvens num dia de Verão e, como professor, desisti de tentar refutá-las; dado que a maior parte dos meus alunos é cristã, suponho que devia estar grato por me terem escolhido para aprenderem essa mesma filosofia que a sua fé subverte. É uma comédia, Prisco! É uma tragédia!"

Acho que a ideologia veiculada por este excerto do romance citado de Gore Vidal nos pode aproximar um pouco do clima que se instaurou em todo o império romano, nos finais do século IV, princípios do século V.

Hoje, não conseguiremos restituir à sua pureza original o pensamento Greco-latino porque fomos, a bem ou a mal, marcados, caldeados pela cultura cristã. Mas podemos, e esse parece-me ser um dos objectivos do professor de Latim e Grego, fazer compreender às jovens gerações o encanto e a importância das ideias clássicas.

A experiência diz-me que por esta via podemos relançar a ideia da necessidade de um maior interesse pelo Latim e Grego e respectivas civilizações. Sem isso, podemos ensaiar todas as didácticas, que continuaremos a ser olhados, nós os professores de Latim e Grego como uma espécie em vias de extinção.

O mundo romano tinha o seu centro em Roma e era de importância capital tudo o que dela provinha, ruiu, logo que Roma foi tomada e saqueada pelos Bárbaros.

Não poderá suceder algo parecido ao nosso mundo europeu, hoje? Quando a Igreja deixou de ser a autoridade máxima e os cristãos se dispersam em tantas seitas, como no final do Império Romano, que ideais nos poderão guiar e resistir à barbárie?

Para mim serão os ideais clássicos, naquilo que eles possuem de eterno. Posso garantir-vos que os nossos jovens ficam encantados com isso. Mas para tanto não devemos ser só técnicos dessas línguas ou até exímios apreciadores estéticos do Grego e do Latim, mas devemos amar e compreender em profundidade a sua mensagem de humanidade.

Cuido que isso não se aprende na Universidade. Aqui podemos e devemos aprender a gostar das Línguas e civilização clássicas porque o amor só virá com o aprofundamento diário dessas mesmas línguas e civilização, em contacto constante com os textos.

Só assim, como diz Sophia de Mello Breyner Andresen:

"... convém tornar claro o coração do homem
E erguer a negra exactidão da cruz
Na luz branca de Creta."